



## Resenha

---

Resenha do livro: OUVIÑA, Hernán. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. Uma leitura Latino-americana. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

## Resenha: Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política

Review: Rosa Luxemburgo and the reinvention of politics

Oneide Bobsin\*

Isabel Loureiro, professora aposentada do departamento de Filosofia da Unesp, colaboradora da Fundação Rosa Luxemburgo em São Paulo faz a apresentação da Edição Brasileira. Em sua apresentação destaca que o professor de ciência política na Universidade de Buenos Aires e militante socialista é um profundo conhecedor dos movimentos sociais da América Latina e um talentoso educador popular. O texto de Hernán não é uma reprodução do passado das lutas políticas de Rosa Luxemburgo, mas um leitor a partir de sua militância e tendo em vista questões atuais de nosso continente latino-americano. Ressalva na militante e teórica Rosa sua dialética “entre reforma e revolução, entre partido e classe, base e liderança, autonomia das massas, defesa do vínculo indissociável entre democracia e socialismo.”<sup>1</sup> Tais temáticas se mostram atuais para o nosso contexto latino-americano, mesmo que a questão feminista para Rosa não se colocava como se apresenta hoje. No entanto, a presença de uma mulher, militante e teórica num campo político, assemelha-se a uma ave rara na Social-Democracia europeia das primeiras décadas do século XX, profundamente marcada pelo patriarcalismo.

No Brasil, a recepção da obra de Rosa se expressou por meio de intelectuais comprometidos com a crítica ao capitalismo em direção a sua superação. Entre militantes e

---

\* Professor de Teologia na Faculdades EST. Contato: obobsin@est.edu.br

<sup>1</sup> OUVIÑA, Hernán. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. Uma leitura Latino-americana. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Fundação Rosa Luxemburgo, 2021, p. 9.

intelectuais Isabel Loureiro apresenta Mário Pedrosa e Paul Singer, estes empenhados na criação de partidos socialistas de massas como o PT. Loureiro ainda cita a recepção teórica de Rosa por parte de Michael Löwy e Maurício Tragtenberg. Este último via em Luxemburgo “a mãe das ideias libertárias e antiburocráticas.”<sup>2</sup>

O Prefácio de Silvia Federici, professora, escritora e ativista feminista, destaca o trabalho de Hernán na perspectiva de voltar ao passado a partir de novas questões do presente. Nesta perspectiva, a militância e as teorias de Rosa tornam-se contextuais. Também frisa que para Ouviaña, Rosa não era considerada uma feminista, pois sempre analisou o capitalismo a partir do corte de classe numa perspectiva totalizadora. Mas viu o capitalismo a ser superado a partir da “perspectiva da mulher”<sup>3</sup>, que influenciou outras feministas. O Prefácio conclui com a informação do assassinato de Rosa pela polícia, que deve ser considerado um feminicídio. Seu corpo fora jogado numa vala fria e meses depois encontrado. Seu assassinato, porém, não silenciou as suas ideias.

Hernán Ouviaña percebe a América Latina “como uma imensa escola a céu aberto habitada por povos tão mágicos quanto valentes, que resistem à violência, à exploração e ao saque sem deixar de ensaiar, paralelamente, e com alegre rebeldia, propostas de autogoverno, poder popular e vida digna em seus territórios.”<sup>4</sup>

O autor cuja obra estamos resenhando coloca entre parênteses em sua Introdução um subtítulo que resume o momento pandêmico que vivemos e o agravamento das mazelas produzidas pelo capitalismo: *Nem tudo é cor-de-Rosa*. Esperançoso, o autor não se deixa desanimar por esquerdas necrófilas e burocráticas e busca uma prática na biofilia que defende a vida em todas as formas.<sup>5</sup>

A proposta teórico-militante de Luxemburgo não só deixou inquietas as esquerdas de sua época quanto as elites do capitalismo de seu tempo. Rosa defendeu a indissociabilidade entre teoria e ação, tendo em vista o conceito marxista de totalidade, renegando, de certa forma, a ideia marxiana de que a economia é o fator preponderante. Rosa anunciou uma crítica ao eurocentrismo das esquerdas europeias e denunciou as formas imperiais nas periferias. Hoje estaria mais perto das formas comunitárias quilombolas e indígenas, sem esquecer de defender o internacionalismo. Defenderia as formas organizativas democráticas e a capacidade auto emancipatória das massas. Esse perfil teórico e militante a levou a ser expulsa da Terceira Internacional sem apoio de grande

---

<sup>2</sup> OUVIÑA, 2021, p. 11.

<sup>3</sup> OUVIÑA, 2021, p. 14.

<sup>4</sup> OUVIÑA, 2021, p. 18.

<sup>5</sup> OUVIÑA, 2021, p. 21.

parte de partidos comunistas.<sup>6</sup> Por fim, em muitos movimentos populares na América Latina, o autor, que atribui à Rosa a reinvenção da política, vê o seu corpo sendo “exumado”, mas também em outras insurreições mundiais.

Desta forma já temos um resumo da vida de Rosa marcada por muitos momentos de grande intensidade das lutas. Nasce na Polônia em 1871, período da criação da Coluna de Paris. Seu país estava sob domínio russo e as mulheres não podiam frequentar a Universidade e exercer cargos públicos. Mais tarde migra para a Alemanha onde se envolve nos debates do socialismo alemão. Em 1905, mesmo na condição de presa, embarca num trem de soldados para ver de perto a revolução Russa de 1905. Tem uma vida política intensa com as organizações e atua como jornalista de periódicos libertários. Em 1907 se envolve na escola de formação do Partido da Social-Democrata da Alemanha. É a única mulher naquele corpo docente. Deste envolvimento surge mais tarde uma publicação denominada *A acumulação do capital* (1913). É presa e vivencia a Revolução Russa atrás das grades.

Encarcerada ainda em 1918, presencia a queda do Império Alemão. Uma vez libertada da prisão se junta às organizações de operários, policiais e outras categorias. Através de um jornal criado pelas lutas, Rosa volta a exercer um jornalismo de luta. O conflito se exacerba e as forças da reação colocam os movimentos em refluxo. Junto com outro teórico, Rosa é assassinada pela polícia. Fica, pois, uma frase escrita atrás das grades; “[...] só ‘a experiência [é] capaz de corrigir e abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a *força criadora*, corrige ela mesmo todos os seus erros.’”<sup>7</sup>

A reinvenção da política que exige o conhecimento do capitalismo a fim de combatê-lo é o tema do segundo capítulo, tendo como epígrafe uma frase síntese do peruano José Carlos Mariátegui, que merece ser transcrita:

Rosa Luxemburgo, figura internacional, figura intelectual e dinâmica, tinha também uma posição no socialismo alemão. Via-se e respeitava-se nela a dupla capacidade para a ação e o pensamento, para a realização e teoria. Rosa Luxemburgo era ao mesmo tempo um cérebro e um braço do proletariado alemão.<sup>8</sup>

Raramente encontramos uma pessoa que sabe, na militância, articular a teoria e as atividades de base, ou seja, o braço e o cérebro. Como cérebro que articulava a militância Rosa elaborava a teoria, interpretando Marx de forma um tanto inusitada. Rosa vê o

<sup>6</sup> OUVIÑA, 2021, p. 25.

<sup>7</sup> OUVIÑA, 2021, p. 40. (grifos do autor)

<sup>8</sup> MARIÁTEGUI *apud* OUVIÑA, 2021, p. 41.

capitalismo como uma totalidade contraditória, distanciando-se, assim, de uma interpretação economicista. Para ela, segundo Hernán, o marxismo é uma concepção de mundo que nos permite entender a sociedade e transformá-la. Com esta percepção dialética rompe com dogmatismos. Como diz Michael Löwy, “Rosa não vê o marxismo como se fosse uma Suma Teológica.”<sup>9</sup> Desta forma, o pensamento de Rosa pauta-se pela historicidade que nos leva ao caráter transitório do sistema capitalista e nos convoca para uma vida social essencialmente prática, conforme Teses de Marx sobre Feurbach. Ainda no segundo capítulo, Hernán dá vazão às teorizações de Luxemburgo que permitem um rompimento com o colonialismo intelectual eurocêntrico, bem como destrincha o capitalismo como um processo de espoliação permanente. Conclui, assim, que a espoliação permanente está marcada pela violência. O capital só conhece o caminho da violência permanente.

Na sequência, Ouviaña analisa o protagonismo popular e a organização revolucionária como temas do capítulo três. Novamente merece destaque o contexto latino-americano na voz de Mariátegui: “A fórmula filosófica de uma idade racionalista derivou ser: ‘Penso, logo existo.’ Mas a mesma fórmula não serve para esta idade romântica, revolucionária e quixotesca. A vida, mais do que pensamento, hoje quer ação, isto é, combate.”<sup>10</sup> Luxemburgo combate ao mesmo tempo o capitalismo e as estruturas que se engessam na Social-Democracia alemã. Sua crítica ao burocratismo da Social-Democracia pode e deve ser estendida a movimentos sociais, partidos e outras organizações libertárias de hoje. Sua crítica é atual e necessária. A melhor expressão dessa crítica pode ser sintetizada na rejeição em ocupar um cargo de funcionária remunerada do Partido. Optou por viver na frugalidade ao exercer a profissão de jornalista. Tal postura de liberdade repercute em suas teorias entre organização e massas. Percebe movimentos libertários, sindicais ou de outra forma, que definem o rumo das lutas para as direções de organizações que tendem a se engessarem. Também faz longas considerações a respeito da greve política de massas e os limites do parlamentarismo.<sup>11</sup> Por fim, prefere a espontaneidade das massas ao burocratismo. Quem sabe, esteja em sua perspectiva histórica recente o fato de os soviets terem sido sufocados pelo Partido, este único sob o Estado. Rosa é atualíssima em sua crítica ao burocratismo.

Mesmo com este tom ácido às estruturas do Partido da Social-Democracia Alemã, Rosa torna-se educadora. Hernán sabiamente dá voz à Rosi Wolfstein, integrante do Partido Comunista da Alemanha, que avalia o método pedagógico de Rosa:

<sup>9</sup> LÖWY *apud* OUVIÑA, 2021, p. 43.

<sup>10</sup> MARIÁTEGUI *apud* OUVIÑA, 2021, p. 69.

<sup>11</sup> OUVIÑA, 2021, p. 77.

De que modo ela nos obriga a enfrentar por nossa própria conta as questões da economia política e a esclarecer nossas próprias ideias? Com perguntas! Com perguntas e mais perguntas, indagações, ela extrai da classe o conhecimento escondido a respeito do que se tratava de encontrar. Com perguntas, auscultava a resposta, deixando que nós mesmos ouvíssemos seu som oco, com perguntas explorava os argumentos e deixava que víssemos se eram equivocados ou corretos, com perguntas nos forçava a reconhecer nosso próprio erro e a encontrar por nossa própria conta uma solução inatacável [...]¹²

Hernán vê na metodologia das aulas de Rosa no Partido uma prefiguração do que veio a ser na América Latina e África a educação popular de Paulo Freire. Rosa já havia desbancado a educação bancária. Hernán bem avaliou o impacto de Rosa na educação partidária:

Podemos imaginar o que significou que uma mulher, polonesa, judia e migrante se tornasse 'professora' nesse espaço construído e habitado quase de maneira exclusiva por homens, que, além de desvalorizarem a capacidade intelectual e política das mulheres, em não poucas ocasiões reproduziram os piores preconceitos misóginos e antisemitas.¹³

Hernán reúne em capítulos uma série de temas abordados por Rosa permitindo ao leitora e à leitora uma interpretação instigante. Assim, seguem-se as teorizações sobre educação no partido e, no sindicato, um debate de fundo sobre Reforma e Revolução. Rosa debate as teorias de Marx e Engels das quais brotam argumentos atualizados para polemizar com outros teóricos do Partido da Social-Democracia Alemã. Rosa combate, por exemplo, com Berstein, para quem a revolução não tinha mais sentido, já que as contradições de classes tendiam a se "harmonizarem".¹⁴ A esta tendência já presente no final do século XIX Rosa se contrapõe, defendendo a tese: "a luta pela reforma social é um meio, enquanto a transformação social é o fim."¹⁵ Novamente o conceito de totalidade é o balizador no debate sobre Reforma e Revolução. Por fim, o tema se estende, segundo Hernán, para um debate promovido por Rosa sobre a participação dos socialistas em governo burguês e a absolutização da disputa eleitoral, temas atuais para as esquerdas latino-americanas. Nesse debate teórico o caráter burguês do Estado e do Governo é questionado com muitos argumentos. Rosa não perde, pois, a dialética a partir das experiências de autogoverno dos conselhos operários. Os conselhos, além de aspectos revolucionários, foram a expressão da irrupção das massas populares entre 1917 e 1921, numa escala mundial.¹⁶

¹² SCHÜTRUMPF *apud* OUVIÑA, 2021, p. 88.

¹³ OUVIÑA, 2021, p. 91.

¹⁴ OUVIÑA, 2021, p. 104.

¹⁵ OUVIÑA, 2021, p. 106.

¹⁶ OUVIÑA, 2021, p. 124.

No capítulo intitulado Mulheres, Povos e Natureza na Reprodução da Vida, Hernán volta a contemplar os debates a respeito do feminismo de Luxemburgo. Entre teóricos e teóricas a respeito do feminismo ou não de Rosa, destaca-se Raya Dunayevskaya com seu livro onde o debate se acentua. Esta autora fala de um esquecimento de marxistas e não marxistas sobre o assunto, e denuncia que é um tema que merece uma correção imediata.<sup>17</sup> Rosa não esquece das mulheres pobres em vários contextos. Denuncia a exploração capitalista e outras formas de espoliação violenta. Enfim, sugere à mulher proletária que vá à luta pela libertação do gênero mulheres e do gênero humano.<sup>18</sup> Neste grito por libertação estão, entre outras, as mulheres indígenas e as formas “primitivas” de organização social não capitalistas. Neste horizonte de “totalidade dos e das debaixo” – expressão minha – o meio ambiente não é esquecido. Assim Rosa prefigura muitas lutas, organizações sociais e o meio ambiente. Hernán não esquece de falar em nome de Luxemburgo que a natureza também é oprimida.

No último capítulo, que também serve como síntese das lutas de Rosa, o internacionalismo é chamado a uma revitalização tendo como base a diversidade. Assim Hernán sintetiza o seu trabalho junto com Rosa:

Considerando os problemas e os flagelos que assolam o mundo, hoje é crucial recuperar a proposta de internacionalismo e irmandade entre os povos esboçada por Rosa à luz das lutas anti-imperialistas, feministas, antixenofóbicas, socialistas, anticoloniais, migrantes, em defesa da soberania alimentar e do bom viver, que ensaiam e tecem de baixo as organizações e movimentos populares, a partir de uma vocação de articulação continental e planetária correspondente aos desafios de nosso presente.<sup>19</sup>

Em o Epílogo Apostar na revolução – Socialismo ou barbárie!, Hernán Ouviaña retoma algumas reflexões em tom latino-americano, realçando em Rosa sua capacidade teórica longe de dogmatismos e com uma visão de totalidade como traço forte do marxismo por ela reelaborado. Mesmo que o tiro que a matou atingiu a sua cabeça e seu corpo frágil fora jogado numa vala fria para ser esquecido, não conseguiu matar suas ideais revolucionárias enraizadas em práticas, como jornalista, professora, teórica do marxismo e mulher.

Vamos concluir com uma frase de Rosa Luxemburgo em Obras Escolhidas, que revela a relação entre o íntimo e o político, assunto tão desprezado pela velha política, também em muitas esquerdas:

---

<sup>17</sup> OUVIÑA, 2021, p. 132.

<sup>18</sup> OUVIÑA, 2021, p. 133.

<sup>19</sup> OUVIÑA, 2021, p. 151.

A mais violenta atividade revolucionária e a mais generosa humanidade – eis o único e verdadeiro alento do socialismo. Um mundo precisa ser revirado, mas cada lágrima que cai, embora possa ser enxugada, é uma acusação; e aquele que, para realizar algo importante, de maneira apressada e com brutal descuido esmaga um pobre verme, comete um crime.”<sup>20</sup>

Espero ter sido digno com o pensamento de Rosa por meio de Hernán Ouviaña, que nos legou uma leitura latino-americana de Luxemburgo, uma mulher que se superou no seu tempo e que ainda é uma referência para um “outro mundo possível.” De fato, o autor argentino soube nos indicar um caminho cor de rosa – Rosa – para a política num mundo que insiste nas categorias dualistas não dialéticas de claro e escuro.

### Escritos do autor

El desarrollo industrial de Polonia ( 1898); Reforma o revolución ( 1898-1899); Problemas de organizazación de la sociademocracia rusa (1904); Huelga de masas, partido y sindicatos ( 1906); Introducción a la economía política ( 1907 s.,ed. 1925); La acumulación del capital ( 1913); La crisis de la socialdemocracia ( 1915); Crítica de la revolución rusa ( notas de prisión), ed. 1921): grande quantidade de artigos dispersos, discursos e cartas ( correspondência com L. Jogisches, kautsky, cartas desde la prisión). Un=ma bibliografia praticamente exaustiva de seus escritos ( 787 títulos ) se encontra na edição italiana: R. Luxemburg, Scritti politici, Editori Riuniti, Milano 1970, 673-698. In: Sobre la Religión II – Juares, Lenin, Gramsci, Mao y Otros. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. (Editores). Salamanca : Ediciones Sígueme, 1975, p. 191-323. Temas tratados a partir de textos de Rosa: Iglesia y Socialismo; Victoria en la derrota y derrota em la victoria: La iglesia bajo la monarquía y bajo la república: Partido y sindicatos com la acción de masas.

### Referências

OUVIÑA, Hernán. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. Uma leitura Latino-americana. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

[Recebido em: junho de 2021 /  
Aceito em: junho de 2021]

---

<sup>20</sup> OUVIÑA, 2021, p. 167.